

A seleção de textos para o ensino de português-por-escrito a surdos em diferentes níveis de aprendizagem

Daniele Marcelle Grannier e Regina Maria Furquim-Freire da Silva, UnB

Introdução

O conhecimento científico da língua portuguesa e das particularidades da aquisição do português como segunda língua é fundamental na elaboração de materiais didáticos para o ensino do português-por-escrito a surdos. Já na seleção dos textos que serão utilizados esse conhecimento se faz necessário, tanto para identificar o nível de complexidade de um texto como para reconhecer os pontos críticos na aquisição do português por determinado grupo de aprendizes.

Consideraremos, neste trabalho, o contexto de um curso de português-por-escrito a surdos em três etapas principais: *curso básico*, de dois anos de duração, subdividido em quatro níveis de aprendizagem: principiante (P), intermediário 1 (I1), intermediário 2 (I2) e avançado (A); *curso de leitura*, de um ano; e *curso de produção de textos*, também de um ano.

Procuraremos demonstrar como, em uma abordagem interacional com foco no uso, na forma e no significado, a seleção de textos para um mesmo público-alvo – adolescentes surdos – requer uma análise linguística para a adequação do texto ao nível de aprendizagem.

Para a identificação das adequações dos textos

Antes de tudo, um texto deve despertar o interesse do aluno, seja pelo assunto tratado, seja por algum elemento especialmente motivador no texto propriamente dito ou em alguma ilustração que o acompanhe: algo desafiador, estranho, bonito ou intrigante. Para atingir esse objetivo, a seleção de textos deve ser feita entre materiais ou publicações próprias para o perfil do aluno e para sua faixa etária.

Na distribuição dos textos pelas unidades dos diversos níveis do Curso Básico, utilizamos um primeiro critério, baseado nos tempos verbais (considerando suas formas, seus significados e seus usos) encontrados nos textos. Os tempos verbais da língua portuguesa apresentam diferentes graus de complexidade sintática ou morfológica. Do ponto de vista sintático, os tempos verbais do indicativo são menos complexos que os do subjuntivo, pois geralmente ocorrem em sentenças simples, e os do subjuntivo geralmente estão presentes em sentenças subordinadas a outras sentenças nas quais ocorrem tempos do indicativo. No que diz respeito à complexidade morfológica (entendida, nesse caso, como formas mais ou menos regulares dos verbos), verifica-se que as formas dos tempos pretéritos e, em especial, as do pretérito perfeito, que se apresentam irregulares em quinze verbos da língua, requerem, para serem apreendidas pelos aprendizes, uma prática distribuída por várias unidades. Com base nesses elementos e para a primeira distribuição dos textos conforme os quatro níveis

considerados, adotamos a seguinte classificação geral para um curso básico, em que cada nível corresponde a 180 horas de aula.¹

Nível	Tempos verbais
Principiante	Tempos do presente do indicativo: presente, futuro composto (vai+infinitivo) presente contínuo (está+gerúndio) e formas nominais: infinitivo, gerúndio e particípio passado. (Imperativo.)
Intermediário 1	Tempos do pretérito: perfeito (primeira parte)
Intermediário 2	Tempos do pretérito: perfeito segunda parte), imperfeito, pretérito perfeito composto (tem+particípio passado), pretérito mais-que-perfeito composto (tinha+particípio passado).
Avançado	Todos os tempos do subjuntivo e os tempos futuro do presente (farei) e futuro do pretérito (faria).

Observe-se que o pretérito mais-que-perfeito (fizera) não entra no curso básico porque é de uso raro e restrito à modalidade escrita.

Evidentemente, é difícil encontrar textos autênticos que apresentem exclusivamente os tempos indicados para cada nível no quadro acima. Como proceder, então, na seleção de textos para a elaboração do material didático e na utilização desses textos na prática de sala de aula?

Os diferentes pontos que um texto permite trabalhar podem ser tratados de, pelo menos, três maneiras distintas: (1) como *foco* ou ponto a ser focado na unidade, (2) como *prévia* ou contato prévio com o tópico em questão, ou ainda, (3) como *reforço* ou ponto a ser revisado por meio de mais prática. Dessa maneira, os tempos verbais que predominarem em um texto definem, em um primeiro momento, o nível ao qual o texto é adequado e serão trabalhados em atividades e exercícios que visem à prática daqueles tempos. Além disso, espera-se que, na unidade em que determinados tempos verbais forem enfocados, esses tempos apareçam nos textos produzidos pelos aprendizes.

Por outro lado, um tempo verbal de um nível mais avançado que ocorra em um texto em unidades mais iniciais, pode ser visto como a possibilidade do primeiro contato do aprendiz com essa forma e pode ser tratado pelo professor por meio de uma explicação rápida ou até pode ser traduzido para que o aluno entenda o texto, sem, no

¹ Consideramos um curso intensivo com duas horas diárias de aula, em cinco dias por semana.

entanto, vir a ser focado em alguma atividade e sem criar a expectativa de que venha a ser usado na produção de texto pelo aluno. Note-se que esse é o caso, no quadro acima, das formas do imperativo, que, na língua portuguesa falada hoje em dia, não se distinguem de formas do subjuntivo e deveriam estar no nível avançado mas podem ser deslocadas para o nível principiante. Formas do imperativo que ocorram em textos utilizados em unidades iniciais do material didático para o nível principiante são exemplos de contato prévio com formas complexas que podem ocorrer em unidades anteriores ao nível em que serão enfocadas. A opção por essa colocação se explica ainda pela frequente ocorrência de formas imperativas em anúncios publicitários que, podem constituir excelentes textos curtos, bastante adequados ao nível principiante em suas demais características.

Inversamente, tempos já enfocados em unidades anteriores sempre vão ocorrer em textos situados em unidades dos vários níveis de um curso. Isso é próprio da língua e, sempre que for conveniente para o momento em que se encontra o aprendiz, deve ser aproveitado no material didático para práticas de reforço e de revisão que levem à efetiva apropriação do conhecimento pelo aluno, visto que aprender uma língua requer muita prática e numerosos contatos com cada uma de suas particularidades. Nesse sentido, tanto o material didático como o professor, no preparo de suas aulas, devem prever exercícios e atividades que consolidem o processo de aquisição do conhecimento. Os pontos que ocorrerem num texto e que já tiverem sido examinados em unidades anteriores são excelentes ganchos para essas práticas.

Em um segundo momento, o elaborador de materiais didáticos deve examinar a adequação dos textos de acordo com outras características linguísticas. Torna-se muito importante conhecer os pontos de especial dificuldade para um grupo específico de aprendizes. Esses pontos são bastante conhecidos pelo professor por meio da observação da produção de seus alunos e podem ser analisados cientificamente por meio da técnica de “análise de erros” desenvolvida já na década de 70 com a finalidade de conhecer os erros a fim de evitá-los na aprendizagem. Hoje em dia, sabemos que é impossível evitar “erros” de aprendizagem, pois são parte essencial do processo de aquisição de línguas, e a investigação desses “erros”, ou desvios, para nós, tem por finalidade ajudar a elaborar um roteiro (*syllabus*) de tópicos específicos para o ensino de segundas línguas a determinados grupos de aprendizes. No caso de aprendizes surdos, que estamos considerando neste trabalho, verificamos que os textos em questão apresentam diversos pontos críticos que podem ser explorados, de acordo com o nível em que o texto for utilizado.

Aplicação à elaboração de materiais didáticos para surdos adolescentes

Selecionamos textos para um público adolescente, em dois números especiais da revista *VEJA*, direcionados para jovens: “O retrato de uma geração” e “Sou chinês, mas podem me chamar de Robert”. Os dois textos são excertos de artigos maiores e ambos têm pouco mais de 150 palavras, como se pode ver a seguir. Nos originais, ambos os textos estão acompanhados de fotos. O primeiro com fotos de jovens vestidos e

caracterizados conforme diversas “tribos” urbanas, e o segundo com a foto de um jovem chinês andando de bicicleta em Pequim.

Texto 1

O retrato de uma geração

Observe as fotos destas páginas. Qual dos jovens simboliza melhor os hábitos, os valores, as aspirações e o ponto de vista de 28 milhões de brasileiros entre 15 e 22 anos? Escolhemos publicar muitas imagens para, dessa forma, expressar a diversidade de estilos visuais, que é uma das marcas da juventude atual. Para entender o que significa ser jovem no Brasil, VEJA consultou estudos acadêmicos e pesquisas de opinião pública de abrangência nacional, entrevistou especialistas e — o que foi mais revelador — conversou com adolescentes. O retrato que emerge é inesperado em muitos aspectos. Comparemos, por exemplo, o estereótipo do garotão que não liga para nada e o resultado das enquetes realizadas com adolescentes sobre seus planos para o futuro. O que se descobre é que os sonhos dessa geração estão relacionados à carreira e aos estudos. A maioria sabe que terá de estudar muito e se preparar arduamente para enfrentar a concorrência no mercado de trabalho

Texto 2

Sou chinês, mas podem me chamar de Robert

Com apenas 14 anos de idade, Zhu Jiayi já é uma celebridade em sua terra natal, a China. Apresentador de um programa infantil popular na TV do país, ele chega às casas de milhões de conterrâneos todas as manhãs. Mesmo vivendo sob a repressão de uma ditadura comunista, Zhu leva uma existência de adolescente globalizado. Ele usa tênis das marcas internacionalmente conhecidas, escuta o *pop* de artistas americanos como Britney Spears e adora jogar *videogame*. Além disso, gasta boa parte de suas horas vagas na *internet*. Por meio da rede, conquistou amigos em vários países, da Itália ao Japão. Em seus contatos com o exterior, usa um codinome em inglês: Robert. Zhu faz questão de manter, por outro lado, uma ligação forte com suas raízes chinesas. “Aprecio a filosofia de vida de meu país, pois ela traz sabedoria e serenidade às pessoas. E nossa culinária é a melhor do mundo”, diz ele.

Com base apenas no tamanho dos textos, poderíamos considerar que ambos podem ser adequados a uma unidade posicionada perto do final do nível Princiante de um Curso Básico, ou seja, perto do final do primeiro semestre de um curso de português como segunda língua. Uma análise linguística dos textos, entretanto, demonstra que eles não são adequados para um mesmo nível de aprendizagem.

Verifiquemos, a seguir, os tempos verbais que ocorrem em cada texto (destacados em negrito).

O retrato de uma geração

Observe as fotos destas páginas. Qual dos jovens **simboliza** melhor os hábitos, os valores, as aspirações e o ponto de vista de 28 milhões de brasileiros entre 15 e 22 anos? **Escolhemos publicar** muitas imagens para, dessa forma, **expressar** a diversidade de estilos visuais, que é uma das marcas da juventude atual. Para **entender** o que significa **ser** jovem no Brasil, VEJA **consultou** estudos acadêmicos e pesquisas de opinião pública de abrangência nacional, **entrevistou** especialistas e — o que **foi** mais revelador — **conversou** com adolescentes. O retrato que **emerge** é inesperado em muitos aspectos. **Comparemos**, por exemplo, o estereótipo do garotão que não **liga** para nada e o resultado das enquetes realizadas com adolescentes sobre seus planos para o futuro. O que se **descobre** é que os sonhos dessa geração **estão** relacionados à carreira e aos estudos. A maioria sabe que **terá** de **estudar** muito e se **preparar** arduamente para **enfrentar** a concorrência no mercado de trabalho

Sou chinês, mas podem me chamar de Robert

Com apenas 14 anos de idade, Zhu Jiaxi já é uma celebridade em sua terra natal, a China. Apresentador de um programa infantil popular na TV do país, ele **chega** às casas de milhões de conterrâneos todas as manhãs. Mesmo **vivendo** sob a repressão de uma ditadura comunista, Zhu **leva** uma existência de adolescente globalizado. Ele **usa** tênis das marcas internacionalmente conhecidas, **escuta** o *pop* de artistas americanos como Britney Spears e **adora** jogar *videogame*. Além disso, **gasta** boa parte de suas horas vagas na *internet*. Por meio da rede, **conquistou** amigos em vários países, da Itália ao Japão. Em seus contatos com o exterior, **usa** um codinome em inglês: Robert. Zhu **faz** questão de **manter**, por outro lado, uma ligação forte com suas raízes chinesas. “**Aprecio** a filosofia de vida de meu país, pois ela **traz** sabedoria e serenidade às pessoas. E nossa culinária é a melhor do mundo”, **diz** ele.

De acordo com o critério dos tempos verbais, podemos classificar o segundo texto como adequado ao nível Principiante, pois ocorre apenas uma forma verbal do pretérito perfeito *conquistou*; as demais formas estão no presente do indicativo ou são formas nominais. O primeiro texto poderia ser adequado tanto ao nível Intermediário 1 como ao nível Intermediário 2 ou até mesmo ao Avançado, pois há quatro formas verbais no pretérito perfeito (*escolhemos*, *consultou*, *entrevistou*, *foi* e *conversou*), o que poderia ser trabalhado como foco no nível Intermediário 1, ficando as formas do presente do indicativo e as formas nominais dos verbos para reforço, caso os aprendizes ainda estejam precisando de uma prática dessas formas. O texto, no entanto, traz duas formas de imperativo conjugadas (*observe* e *comparemos*), o que, ao lado de uma ocorrência de futuro simples (*terá*), permitiria uma prática apropriada para o nível

Avançado. Para ajudar a decidir por um nível ou outro, convém examinar outros aspectos linguísticos do texto. Vejamos as expressões destacadas no texto.

O retrato de uma geração

Observe as fotos destas páginas. **Qual dos jovens** simboliza melhor os hábitos, os valores, as aspirações e o ponto de vista de 28 milhões de brasileiros entre 15 e 22 anos? Escolhemos publicar muitas imagens para, dessa forma, expressar a diversidade de estilos visuais, que é **uma das marcas da juventude atual**. Para entender **o que significa ser jovem no Brasil**, VEJA consultou estudos acadêmicos e pesquisas de opinião pública de abrangência nacional, entrevistou especialistas e — **o que foi mais revelador** — conversou com adolescentes. O retrato que emerge é inesperado em muitos aspectos. Comparemos, por exemplo, o estereótipo do garotão que não liga para nada e o resultado das enquetes realizadas com adolescentes sobre seus planos para o futuro. **O que se descobre** é que os sonhos dessa geração estão relacionados à carreira e aos estudos. **A maioria** sabe que terá de estudar muito e se preparar arduamente para enfrentar a concorrência no mercado de trabalho.

Verifica-se, então, que há diversas expressões de elementos partitivos, que expressam parte de um todo, tais como as que ocorrem nas sentenças que se seguem.

- “Qual dos jovens simboliza melhor os hábitos, os valores, as aspirações e o ponto de vista de 28 milhões de brasileiros entre 15 e 22 anos?” (Um dos jovens simboliza...)
- “Escolhemos publicar muitas imagens para, dessa forma, expressar a diversidade de estilos visuais, que é uma das marcas da juventude atual.” (Uma das marcas é...)
- “A maioria sabe que terá de estudar muito e se preparar arduamente para enfrentar a concorrência no mercado de trabalho.” (A maioria sabe...)

Por outro lado, há três ocorrências de construções complexas com elementos pronominais (o + que), frequentes na língua portuguesa e de difícil aquisição para o surdo, transcritas a seguir.

- “o que significa ser jovem no Brasil”
- “o que foi mais revelador”
- “O que *se* descobre”

Uma estrutura que aparece nesse texto e que também apresenta dificuldades para o aprendiz surdo é a construção impessoal com a partícula *se* em “o que se descobre” e deve ser tratada nesse nível. Como há apenas uma ocorrência desse uso no texto, ela não deve ser enfocada nessa unidade, podendo ser tratada como *prévia* ou como *reforço*.

Será tratada como *prévia* se a unidade em que ela for enfocada ocorrer depois da unidade que contiver o texto “O retrato de uma geração”, e será a base para uma atividade de *reforço* se esse tipo de ocorrência já tiver sido enfocada em unidade anterior.

Com base nos aspectos destacados, demonstramos que o texto “O retrato de uma geração” deve ser explorado no nível Avançado.

Conclusão

Para verificar a adequação dos textos ao nível de aprendizagem, procedemos a uma análise linguística e adotamos um critério baseado na complexidade morfológica e sintática dos tempos verbais da língua portuguesa. Contribuíram para confirmar e refinar a posição dos textos no conjunto do curso outros aspectos observados, tais como expressões partitivas e estruturas sintáticas complexas. Assim, dados dois textos de tamanhos semelhantes e apropriados do ponto de vista temático para um mesmo público-alvo – adolescentes surdos –, verificamos que “Sou chinês, mas podem me chamar de Robert” é adequado para o nível Principiante e que “O retrato de uma geração” se adequa ao nível Avançado.

Bibliografia

FURQUIM FREIRE DA SILVA, R. M. e GRANNIER, D. M. (2005). Um projeto de material didático flexível para o ensino de português a surdos. In: VIII Congresso de Humanidades. *Anais do VIII Congresso de Humanidades*. Universidade de Brasília. 1CD-ROM.

FURQUIM FREIRE DA SILVA, R. M. e GRANNIER, D. M. (2007). Sete pontos críticos na aprendizagem do português pelo surdo. In: *X Congresso de Humanidades na UnB* (ms.).

GRANNIER, D. M. (2007). A jornada linguística do surdo da creche à universidade. *Linguística Aplicada – suas faces e interfaces*. Campinas: Mercado de Letras. p. 199-216.

GRANNIER, D. M. (2002). Português-por-escrito para usuários de Libras. *Integração*, n. 24, ano 14. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. p. 48-51.

O retrato de uma geração. *VEJA. Edição especial JOVENS*, São Paulo: Abril, ago./2003.

PERINI, M. A. (2002). *Modern Portuguese: A Reference Grammar*. New Haven: Yale University Press.

PONTES, E. (1973) *Estrutura do verbo no português coloquial*. Rio de Janeiro: Vozes.

Sou chinês, mas podem me chamar de Robert. *VEJA. Edição especial JOVENS*, n.º 32,
São Paulo: Abril, jun./2004.